

LOPES, CELIA REGINA DOS S.; DUARTE, M. E. L. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. In: Jânia M. Ramos e Mônica A. Alkmim (orgs). (Org.). Para a história do português brasileiro Vol. V Estudos sobre mudança lingüística e história social. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. FALÉ/UFMG, 2007, v. V, p. 28-.

Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX

Célia Regina dos Santos Lopes - UFRJ
Maria Eugênia Lamoglia Duarte – UFRJ/CNPq

1. Introdução

Importantes diferenças entre as vertentes brasileira e portuguesa relativas ao quadro pronominal e suas conseqüências para a gramática de uma e outra variedade têm sido apontadas em pesquisas recentes elaboradas a partir de amostras sincrônicas e diacrônicas. Entre essas diferenças, destaca-se o quadro relativo à segunda pessoa. No que diz respeito à forma *você*, originada do pronome de tratamento *Vossa Mercê*¹, o que se ressalta atualmente como diferença relevante é o seu emprego na interlocução. Em português europeu *você* está em distribuição com *o(a) senhor(a)* e *tu*, segundo o grau de intimidade estabelecido entre os interlocutores, o que revela que *você* ainda guarda traços de forma de tratamento. No português do Brasil, ao contrário, *você*, já está perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais, substituindo *tu* em grande parte do território nacional ou convivendo com *tu* sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada “segunda pessoa direta”. A implementação da forma *você*, em referência à segunda pessoa, principalmente no português do Brasil, acarretou um rearranjo no sistema pronominal com a fusão do paradigma de 2ª com o de 3ª pessoa do singular e com a eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural, por conta das possibilidades combinatórias de *você* com *te~lhe*, *teu~seu/tua~sua*, etc e de *vocês* com *lhes~vocês*, *seus~deles*, etc (cf. Faraco, 1996:65-70; Oliveira, 1996; Menon, 1995:103). Embora ainda condenada pela gramática, a famigerada “mistura de tratamento” atingiu também o imperativo com o “crescimento do uso da forma de imperativo referente ao sujeito *tu*, mesmo quando o tratamento do ouvinte se faz com *você*” (Paredes Silva *et al*, 2000:116, Scherre *et alii*, 2000), evidenciado no recorrente exemplo “*Vem para a Caixa você também*”.

Na verdade, a variação *tu / você* no Brasil não é uma questão simples. Peças de teatro escritas no Rio de Janeiro, ao longo dos séculos XIX e XX, revelam que, por volta dos anos 20-30 do século XX, a coexistência das duas formas desaparece, sendo quase exclusivo o uso de *você* (Duarte 1993). No entanto, no último quartel desse mesmo século, nota-se no mesmo tipo de texto um retorno do pronome *tu*, desta vez sem a forma verbal com a flexão de segunda pessoa (Paredes Silva 2000). Com base numa amostra controlada de língua oral², Paredes Silva (2003) confirma esse retorno de *tu* à fala carioca, com a forma verbal não marcada. Segundo Menon (1997) e Menon & Loregian-Penkall (2002), pesquisas realizadas nas três capitais do sul indicam a ausência de *tu* em Curitiba, sua concorrência com *você* em Florianópolis e Porto Alegre, com uma interessante particularidade: em Florianópolis, *tu* é menos freqüente que *você*, mas tende a aparecer mais com a flexão verbal marcada, enquanto em Porto Alegre, *tu* é mais freqüente, mas a flexão verbal é mais rara³. Mais recentemente, Amaral (2003) mostra que em Pelotas (RS) a presença da marca de concordância com *tu* atinge apenas 7%, confirmando os resultados para Porto Alegre. Falta-nos, infelizmente, uma descrição mais detalhada dessa variação nas regiões norte e nordeste⁴.

¹ Sobre a inserção de *Vossa Mercê* no sistema de tratamento em substituição a *vós*, veja-se Oliveira e Ramos (2002).

² Segundo a autora, as entrevistas sociolingüísticas não são o contexto ideal para o uso da segunda pessoa, daí a necessidade de amostras controladas, que apresentem conversas naturais entre duas pessoas.

³ Ana Zilles (comunicação pessoal) lembra que as Cartas do ALERS (Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul) mostram que há áreas de uso exclusivo de 'tu', áreas de uso exclusivo de 'você' e áreas em que as duas formas se alternam. Lembra ainda que fatores de natureza extralingüística são extremamente relevantes nessa alternância.

⁴ Lemos Monteiro (1997) destaca o baixo uso de *tu* nas cinco capitais contempladas pelo Projeto NURC, mas chama a atenção para o fato de que em Fortaleza o uso de *tu* é semelhante ao de Porto Alegre, sem a marca de concordância, independentemente da classe social ou do nível de escolaridade. É possível que a quase ausência

O certo é que, além da referência definida, o uso de *você* se expandiu para os contextos de referência indeterminada (também em concorrência com *tu* em várias regiões do país) e já aparece em construções existenciais, com um possível valor expletivo (Duarte 1995, 1999, 2003, e Avelar 2003). No plural, pode-se dizer que *você* acabou por substituir a forma pronominal *vós*.

Partindo dos resultados obtidos no estudo de Lopes & Duarte (no prelo), que se baseia em uma amostra constituída por peças teatrais portuguesas e brasileiras escritas no mesmo período, pretendemos:

- a) levantar as formas nominais e pronominais de tratamento mais freqüentemente utilizadas em cartas não-oficiais escritas no Brasil dos séculos XVIII – XIX;
- b) verificar se as formas nominais e pronominais de tratamento identificadas no teatro são as mesmas que se utilizam nas cartas escritas no Brasil nos séculos XVIII – XIX;
- c) identificar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que aceleraram o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* no português do Brasil, ocasionando sua inserção no nosso sistema pronominal.

2. Um pouco de história

Cintra (1972) mostra que o atual sistema de tratamento difere daquele encontrado nos primórdios de nossa língua em que não havia tratamentos do tipo nominal – pelo menos não localizáveis nos textos. A oposição se estabelecia basicamente entre *tu/vós* (plano da intimidade) *versus* *vós* (plano de cortesia ou distanciamento), como até hoje em francês.

As formas nominais de tratamento sofrem um processo de especialização já nos fins do século XIV. O autor descreve esse processo de mudança, correlacionando-o a um processo de hierarquização cada vez maior da sociedade. *Vossa mercê*, que aparece como tratamento para o rei por volta de 1460, deixa de sê-lo em 1490. A degradação hierárquica - ou a ascendência da nobreza? - é progressiva e a expressão passa a referir-se a duques, depois a infantas, a fidalgos e, no século XVI, já é usada por Gil Vicente para padrões burgueses. *Vossa Senhoria* também sofre, em menor escala, o mesmo processo de perda gradativa de reverência. Começa como tratamento ao rei, passa a ser empregado para fidalgos da nobreza e se estabelece num nível superior a *Vossa Mercê*. *Vossa Alteza* se especializa como tratamento ao rei no século XV. Felipe II, em 1586, na Espanha e, em 1597, em Portugal estabelece legalmente como devem ser empregadas as expressões de tratamento. Tal postura pode nos sugerir, em princípio, duas hipóteses: 1) havia uma grande flutuação no emprego dessas formas de tratamento entre as pessoas da época e 2) a sociedade tinha uma grande preocupação em determinar os papéis sociais desempenhados pelos membros que a constituíam.

No século XVIII, *vós*, empregado para um único interlocutor, tido como traço arcaizante praticamente cai em desuso.

“Para o lugar que o *vós* deixou vago no sistema, apresentou-se o *você* (...) semelhante pelas origens às referidas fórmulas, mas muito mais evoluído dos pontos de vista semântico e fonético, estava o caminho aberto para a progressiva invasão e expansão das outras formas substantivas que levam o verbo para a 3ª pessoa.” (Cintra 1972:35-38)

Faraco (1996) afirma que a progressiva alteração do valor social da forma *Vossa Mercê* (e variantes) é resultante da rápida multiplicação dessas formas em Portugal. Inicialmente utilizada como tratamento ao rei, a forma *Vossa Mercê* (além de *Vossa Senhoria*) se estende ao tratamento não íntimo entre iguais na aristocracia e começa, aos poucos, a ser utilizada por pessoas de *status* social inferior (criados, subordinados, etc.) ao se dirigirem a membros da aristocracia. Numa etapa final de decréscimo de formalidade, vamos encontrar *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* sendo utilizados como diferentes variantes sociais em oposição a *tu*, que era de uso comum no tratamento íntimo. Comparativamente, a segunda estratégia manteve-se em uso, por mais tempo, com um *status* socialmente superior em relação à primeira, sobrevivendo no Brasil, ao lado de *Vossa Excelência*

“como formas artificiais utilizadas na correspondência oficial e em alguns contextos muito formais nos altos escalões da administração pública.” (Faraco, 1996:65). A partir do século XVI, período em que o processo de ocupação do Brasil teve início, a degradação semântica sofrida por *vós*, a simplificação fonética de *Vossa Mercê* e o seu uso generalizado como *você* estavam em etapa bastante avançada.

3. O quadro teórico

Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, revigorados nas décadas de 80 e 90, autores como Lichtenberk (1991) retomam a discussão sobre o *problema da transição* (Weinreich, Labov & Herzog 1968) e defendem ser o gradualismo inerente aos fenômenos de gramaticalização estudados. Postula-se, inclusive, que por ser um fenômeno contínuo, a gramaticalização não é um processo que possa se extinguir. Assim como ocorreu com *a gente* (cf. Lopes 1999, 2003a), a gramaticalização, ou mais especificamente, a pronominalização de *Vossa Mercê* > *você* acarretou perdas e ganhos em termos de suas propriedades formais e semânticas por conta da mudança categorial de nome para pronome. Nem todas as propriedades formais nominais foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. Assim como mostra Lopes (1999, 2003a), no mapeamento diacrônico delineado na gramaticalização de *a gente*, a gramaticalização de *Vossa Mercê* não foi um processo isolado, mas consequência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós* a partir do século XV, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de *cima para baixo*, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você*.

Cabe ainda discutir alguns aspectos lingüísticos que delimitam entre fins do século XVIII o início do processo de pronominalização de *Vossa Mercê* e a efetiva gramaticalização de *você* a partir do século XIX. Levam-se em conta, principalmente, os 5 princípios propostos por Hopper (1991): *estratificação* (“*layering*”), *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorização*.

Como discutido em Hopper (1991) e em outros trabalhos que reinterpretam os princípios propostos à luz da teoria da variação (Omena e Braga 1986; Lopes 1999, 2003a; Naro & Braga 2000, Lopes e Duarte 2002a,b e (no prelo); Rumeu, 2001), o princípio da *estratificação* (*layering*) estipula a coexistência entre o novo e o velho em um domínio funcional amplo. Não há o descarte imediato das formas mais antigas, no caso *vós/tu*, em detrimento das formas emergentes *vocês/você*, mas um período de transição, de convivência das diversas camadas, que configurariam uma fase de convivência entre as estratégias de referência ao interlocutor. Com relação ao princípio da *divergência*, postula-se a permanência do item lexical original (*Vossa mercê*) convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada (*você*), embora diverjam funcionalmente. O substantivo *mercê* conserva ainda hoje sua integridade fonológica e até, de certa forma, semântica: *Estamos à mercê de bandidos*. A forma gramaticalizada *você*, por sua vez, sofreu perda gradual de substância fonológica (*erosão*) – *Vossa mercê* > *vosmecê*⁵ > *você* > *cê*⁶ -- e semântica (*dessemantização*) – perda do caráter de reverência e cortesia original -- nos termos de Lehmann (1982).

Outro princípio, a *especialização*, associa-se à limitação das opções, que ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória. Pressupõe-se, pois, que a forma emergente (*você*) passe paulatinamente a ocorrer em contextos lingüísticos específicos e diferentes dos contextos

⁵ Foram localizadas em algumas peças teatrais portuguesas dos séculos XVIII-XIX as seguintes representações gráficas: *Vossé(s)*, *Você(s)*, *Boixê(s)*, *Vossa(s) Mercê(s)*, *V.M.*, *Boxa Mercê* (Lopes, 2001, 2003b). A incerteza e a diversidade de grafias evidencia a produtividade do uso de tal forma de tratamento no período, o que pode ser uma tentativa de o escritor deixar transparecer, mesmo que de forma caricatural, a alta frequência da forma sincopada na fala de pessoas do povo.

⁶ Ver ainda Ramos (1997) para um estudo sincrônico do processo de cliticização de *você*.

favorecedores de *Vossa mercê*. A conservação de alguns traços do significado original, aderindo-se à nova forma gramaticalizada, remete-nos ao princípio da *persistência*. Como aponta o autor, nos processos de gramaticalização, detalhes da história lexical do item podem se refletir na forma gramaticalizada durante estágios intermediários.

Por fim, o princípio da *de-categorização* (ou *descategorização*) proposto por Hopper (1991) consiste na neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem (nome ou sintagma nominal) e adoção dos atributos da categoria-destino (forma pronominal).

Ao mesmo tempo que acompanhamos o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê*, interessa-nos observar o comportamento da forma de tratamento (categoria-origem) e do pronome (categoria-destino), particularmente na função sintática de sujeito. Se o português dos séculos XVIII e XIX apresenta características de língua de sujeito nulo (cf. Duarte 1993), espera-se que o comportamento da forma de tratamento seja o de uma forma nominal – preferencialmente expresso; o da forma gramaticalizada/pronominalizada, por outro lado, deve espelhar o comportamento dos pronomes nos períodos em questão, que obedecem ao Princípio “Evite Pronome”, sendo usualmente nulos. Essa perspectiva, associada ao quadro de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981), está em perfeita consonância com o princípio da *de-categorização* acima mencionado.

A análise quantitativa será feita com base na Sociolinguística Variacionista laboviana, através da aplicação do programa VARBRUL (cf. Mollica e Braga 2003), que calcula as frequências e o peso relativo de cada fator lingüístico ou extralingüístico postulado. Como se vê, o trabalho busca integrar a perspectiva variacionista, discutida em Weinreich, Labov & Herzog (1968) e Labov (1994), a outros modelos formais e funcionais.

4. O Corpus

A partir dos *corpora* compartilhados do projeto *Para a História do Português Brasileiro - PHPB*⁷, utilizou-se uma amostra constituída por cartas -- do Brasil setecentista e oitocentista -- escritas em quatro localidades distintas: Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia⁸. A dificuldade de localizar documentos escritos não-literários de priscas eras não nos permitiu constituir uma amostra completamente homogênea se levarmos em conta o conjunto de documentos reunidos. Para algumas localidades foram localizadas cartas pessoais, como é o caso do Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais, para outras só há cartas do século XVIII, como é o caso de Minas Gerais, ou somente do século XIX, como é o caso do Paraná e há ainda as cartas não particulares localizadas no Hospital da Santa Casa de Misericórdia em Salvador, Bahia. Se, em nível nacional, a amostra é heterogênea, as amostras locais, resguardadas as características particulares, são localmente homogêneas.

O conjunto de cartas do Paraná está distribuído em dois blocos de cartas não-oficiais da família Loureiro. O primeiro deles é constituído por quinze cartas particulares de familiares do Senhor José Loureiro, escritas, entre 1888 e 1893, em Curitiba-PR. Os remetentes foram identificados e são brasileiros, naturais, em sua maioria, de Curitiba. O segundo conjunto de documentos, também do final do século XIX, constitui-se de nove cartas comerciais dirigidas a um único destinatário, Senhor Fernandes Loureiro, assumindo, nesse caso, o papel de “pessoa jurídica” – representante de um estabelecimento comercial.

As vinte e três cartas de Minas Gerais do século XVIII (1777-1782) também foram destinadas a uma mesma pessoa, uma mulher, Senhora Clara Felicia da Roza, e tratam de temas variados (agradecimentos, cobranças de dívidas, encaminhamentos de encomendas, etc); os remetentes são homens e mulheres com diferentes graus de amizade e parentesco com a destinatária, oriundos de localidades também distintas.

Semelhantes às outras amostras por sua homogeneidade e diferentes pelo caráter não-pessoal, as 41 cartas-ofício da Bahia foram escritas em 1862 e localizadas no Hospital de Caridade da Santa Casa da Misericórdia em Salvador. As cartas, com temática diversificada, foram endereçadas, na maioria dos casos, ao provedor ou ao mordomo da Instituição por remetentes distintos (do chefe de polícia aos clínicos internos e externos).

⁷ Parte do *corpus* do Rio de Janeiro pode ser localizada na página do projeto (cf. Barbosa, A.G.; Callou, D. & Lopes, C. R. S. (2000)) ou em Lopes, C. R. 2001b.

⁸ Abreviaturas utilizadas PR, RJ, MG e BA, respectivamente.

O material do Rio de Janeiro configura-se pela diversidade, seja em relação aos diferentes remetentes, seja em relação aos destinatários. Embora todas sejam cartas particulares e tenham sido escritas no Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX, há três grupos distintos, tomando-se como critério a identificação dos remetentes como 1) naturais do Rio de Janeiro; 2) naturais de outros estados e 3) de naturalidade desconhecida.

Os resultados apresentados aqui nos darão, pois, um panorama geral das principais formas nominais e pronominais de tratamento utilizadas na posição de sujeito em cartas não-oficiais que eram remetidas e recebidas pelos que viviam no Brasil dos séculos XVIII e XIX.

5. Análise de alguns resultados:

5.1 - As estratégias mais freqüentes nas cartas

Foram identificadas diferentes formas nominais e pronominais de tratamento na posição de sujeito nas cartas que constituem o *corpus* de análise. A tabela I apresenta a distribuição dos dados segundo as estratégias mais freqüentes de se dirigir ao interlocutor, seja ele filho, neto, tio, pai, amigo, médico, mordomo hospitalar, padre ou mesmo o próprio Rei, na documentação privada não-oficial que circulava no Brasil dos séculos XVIII e XIX.

Formas utilizadas/localidade	<i>Você</i>	<i>V.M.</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras Formas de Tratamento</i>	<i>Total</i>
RJ	29 – 19%	01 – 1%	71 – 46%	52 – 34%	153
BA	-	05 – 12%	-	36 – 88%	41
MG	-	70 – 100%	-	-	70
PR	09 – 17%	34 – 65%	03 – 6%	06 – 12%	52
TOTAL	38 – 12%	110 – 35%	74 – 23%	94 – 30%	316

Tabela I - Formas nominais e pronominais utilizadas nos séculos XVIII e XIX: todos os dados (sujeitos plenos e nulos)

Observa-se, a partir da análise da tabela I, que a distribuição dos dados é irregular em cada uma das amostras analisadas, o que não nos permite o estabelecimento de generalizações descritas, dada a própria natureza do *corpus* utilizado. As amostras do Rio de Janeiro e do Paraná apresentam maior diversidade de formas nominais e pronominais de tratamento na posição de sujeito, predominando, nas cartas cariocas, um emprego significativo de *tu* (46%), forma de tratamento íntimo, que se opõe às outras estratégias identificadas: *você* com 19%, outras formas de tratamento (*Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *pai e amigo*) com 34% e *Vossa Mercê* com 1% apenas. O caráter tipológico do texto determinou esta alta freqüência de *tu* que predomina nas cartas particulares trocadas entre amigos e entre familiares (avô para neto) no século XIX. Na amostra relativa ao Paraná, *Vossa mercê* – forma mais produtiva -- aparece com 65% de freqüência, seguida por *você* (17%), outras formas (*Senhor* e *Vossa Senhoria*) com 12% e *tu* (6%). Nas duas outras amostras – Bahia e Minas Gerais – a polarização se dá, no primeiro caso, entre *Vossa mercê* e outras formas nominais (*Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*), e em Minas só foram localizados dados de *Vossa Mercê*. Novamente aqui há outras questões em jogo, uma vez que as cartas da Bahia não são documentos pessoais, mas de Administração privada (Hospital Santa Casa de Misericórdia), o que levou ao emprego de uma estratégia formal de distanciamento e cortesia. Em Minas Gerais, as cartas, embora pessoais, foram destinadas a um só remetente e escritas no século XVIII. Ressalte-se ainda que não foram localizados, em todo o *corpus* de cartas, dados de *vós*: forma tida como arcaizante e utilizada por pessoas provincianas, já no século XVIII, segundo Faraco (1996).

Em síntese, nota-se o emprego de *Vossa Senhoria* na correspondência não-particular (Bahia) e *Vossa Mercê* e *você*, além de *tu*, na correspondência particular (Rio de Janeiro, Minas e Paraná),

embora, muito excepcionalmente, *Vossa Senhoria* apareça em documentos particulares e *Vossa Mercê* na documentação oficial.

Observem-se alguns exemplos das diferentes estratégias localizadas nas cartas:

- (1) "**Voce** e Juvelina recebem lembranças de todos e um apertado abraço d'esta tua irmã que muito te estima". (*Carta de Julieta F. L. Ascencao à sua irmã Josephina, Curitiba, 26/08/1888-PR*)
- (2) "Minha madrinha e senhora vão onze alqueires de fubá 3 demilho dois defeyjam estimarey **que vossa mercê** etoda anobre caza passem livre demoslestiar **que** nos ca eimos passando com **muito** frio ainda **muito** mas porem detoda asorte rezestindo com **muito** apessoa de **vossamercê** emais..." (*Carta Joaquim Teyxeira a Senhora Dona Clara Felicia da Roza, São Thiago, 24/08/1777-MG*)
- (3) "**Vocemece** faça o que entender, muitas | recomendações a tia Mecias e as meninas aseite um abraço deste seu sobrinho agradecido"(*Carta de Manoel Ascenção Fernandes ao seu tio José, Curitiba, 03/02/1889*)
- (4) "**Tu** sabes, **que**, alem de teu irm- | mão, sou realmente teu amigo, e portanto consternei-me em demazia, pensando no **que terás** sofrido." (*Carta de Martim ao irmão Senhor Jozé Bonifácio de Andrade e Silva, Rio, 16/01/1810-RJ*)
- (5) "Veja **Vossa Maggestade** com quanto, o querem contentar os Povos secomtrinta arrobas que dam: pagam os dizimos dos quintos de **Vossa Maggestade** ." (*Carta de Felix Gusman M. Bueno a Sua Majestade, Rio, 02/08/1720-RJ*)
- (6) "Restame pois, que **Vossa Excelência** queira dispor do meu animo agradecido, e que se digne Recebe os tributos de **minha** Cordial amizade, permitindo me oportuidades, em que servindo-o como devo, mostre **quanto** sou || De **Vossa Excelência** || Amigo **muito** fiel, emuito obrigado" (*Carta de Joaquim José de Souza Lobato ao Senhor Conde de Palma, Rio, 13/02/1811-RJ*)
- (7) "e | outro dos Clinicos Cirurgicos sobre os melhoramentos e necessidades do Hos- | pital (faltando a dos Clinicos medicos que não se dignarão remetter-mo) | a os quaes tambem julguei ouvir por sua competencia, para melhor satisfa- | zer quanto **Vossa Senhoria** me ordenou em seo officio de 5 do passado, attento o curto es- | paço de trez meses somente que conto de inspecção". (*Carta do Mordomo Doutor Marcellino Antonio de Mello Albuquerque Pitta ao Senhor Irmão Provedor Manuel José de Figueredo Leite, Salvador, Hospital da Misericórdia, 31/10/ 1862-BA*)
- (8) "Presado **Pai**_ || _ Recebi hontem a sua presada car | ta de 1º do corrente, e procurarei conformar-me com o que | n'ella me **diz**, e espero poder com applicação vencer a es- | pecie de repugnancia instinctiva que até hoje tenho tido | ao commercio." (*Carta de Casimiro de Abreu a seu pai, Rio de Janeiro, 12/10/1857-RJ*)

As formas nominais de tratamento identificadas nas diferentes localidades controladas reforçam a distinção tipológica das cartas. Na amostra de cartas cariocas, foram identificadas as formas *Vossa Majestade*, especificamente para se dirigir ao Rei, além de *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*. Identificou-se ainda a presença do tratamento *pai*, como vocativo que vinha seguido de sucessivos sujeitos nulos de 3ª pessoa do singular, exclusivamente nas cartas de Casimiro de Abreu. Na Bahia, identificaram-se *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência* nas cartas de caráter não-pessoal: cartas e/ou ofícios encaminhados aos mordomos e provedores do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. No Paraná, além das formas localizadas nas outras amostras, como *Vossa Senhoria*, localizou-se a forma *Senhor(es)*.

Diferentes formas de tratamento nominal, como aponta Faraco (1996), eram habituais no tratamento não-íntimo e aparecem nas cartas que circulavam no Brasil como formas artificiais empregadas na correspondência oficial ou como uma estratégia que marca um tratamento diferenciado entre pessoas que pertenciam a grupos sociais distintos.

A tabela a seguir evidencia as frequências de uso das formas de tratamento em função do destinatário da carta na totalidade dos dados levantados.

<i>Destinatário da carta</i>	<i>Você</i>	<i>V.M.</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras formas</i>	<i>Total</i>
<i>Para o Rei</i>	-	-	-	7 - 100%	7
<i>Para amigos/primos</i>	09 - 14%	01 - 2%	46 - 72%	08 - 13%	64
<i>Para tios</i>	-	19 - 100%	-	-	19
<i>Para filhos</i>	17 - 94%	-	-	1 - 6%	18
<i>Para netos</i>	12 - 30%	-	28 - 70%	-	40
<i>Para pais</i>	-	10 - 28%	-	26 - 72 %	36
<i>Sem intimidade</i>	-	80 - 61%	-	52 - 39%	132

Tabela II – Uso das formas pronominais e de tratamento em função do destinatário da carta

Observa-se na tabela 2 que são utilizadas formas de tratamento diferenciadas entre si a depender do tipo de relação social estabelecida entre o emissor e o destinatário das cartas. Nos documentos destinados ao Rei, aos tios, aos pais e entre pessoas não íntimas, ou seja, nas correspondências em que as relações interpessoais são **assimétricas**, o emprego de formas nominais de tratamento é categórico, seja com a forma *Vossa Mercê*, seja com o uso de outras formas: *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria* e *pai*. Como discutido em Rumeu (2001:25), "o exercício do poder conduz a uma assimetria nas relações interpessoais que, por sua vez, acarreta uma assimetria no tratamento entre os falantes". Nota-se que nas cartas dirigidas aos amigos e primos (relações **simétricas**) há uma maior variação quanto à distribuição das formas, predominando o uso de *tu* — forma de tratamento íntimo -- sobre as demais. É interessante notar que nas cartas familiares mais íntimas (aos netos) as formas *você* (30%) e *tu* (70%) estão em concorrência com o predomínio da segunda sobre a primeira. *Você* é praticamente categórico nas cartas remetidas aos filhos (94%).

5.2 – A diferentes estratégias em função das relações interpessoais estabelecidas

Caberia, neste momento, distinguir o tipo de relação – simétrica ou assimétrica -- estabelecida entre o remetente e destinatário das cartas, levou-se em conta, por essa razão, a clássica dicotomia entre “poder e solidariedade” proposta inicialmente por Brown & Gilman (1960). Seguindo tal perspectiva, o parâmetro do *poder* refere-se ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Esse controle do comportamento de um sobre o outro desemboca numa assimetria no tratamento. A relação de *poder* entre duas pessoas não é recíproca, pois ambos não têm poder na mesma área de comportamento e a consequência disso é a eleição de certas formas de tratamento diferentes em função da hierarquia que se estabelece entre os interlocutores numa situação interativa.

A oposição em geral apresentada é estabelecida entre o **TU** [+ familiar] e **VOUS** [+polido] ou **T/V**, utilizando o francês como padrão, embora em outras línguas exista o mesmo tipo de tratamento, com estratégias diferenciadas.

Segundo Brown & Gilman (1960), a oposição *T/V* começou como diferença entre singular e plural. Na Idade Média o uso de *V* se estendeu, saindo da esfera do Imperador para outros níveis hierárquicos, embora continuasse indicando respeito mútuo e polidez. As classes altas usavam *V* mútuo e as classes baixas o *T* mútuo. Nas relações entre as classes, havia uma assimetria que simbolizava poder: a classe alta para se dirigir à baixa usava *T* e a classe baixa para se dirigir à alta

usava V. Tal assimetria se estendeu a outras relações: patrão-empregado, Deus-anjos, ou ainda o poder de velhos sobre jovens, de pais sobre filhos, etc. (Wardhaugh, 1998:256). O uso simétrico de V estabelecia, pois, polidez.

O segundo parâmetro, o da *Solidariedade*, estabelece forças iguais, o mesmo nível na hierarquia social, a igualdade entre as pessoas. Nesse tipo de relação, em geral, se outorga o uso mútuo e simétrico do T, recíproco ou igualitário, que configura intimidade (sentimento de solidariedade entre os participantes da situação comunicativa). Wardhaugh (1998:255-279) descreve os usos das formas de tratamento em diversas línguas. Para o autor a evolução desse esquema conceptual T/V se dá do assimétrico T/V, para o polido V/V e finalmente para o mútuo T/T, por conta da importância da solidariedade nas sociedades em geral. Em síntese, o autor conclui que a força (o *poder*) determina o uso T/V e que a mudança para o simétrico T/T solidário é recente, com variações locais. Na maior parte dos casos, o simétrico T/T ocorre quando as classes baixas ou as classes altas querem parecer democráticas, como ocorreu, por exemplo, na sociedade francesa a partir da Revolução. Na realidade, as sociedades têm diferentes maneiras de utilizar a distinção entre T/V e nem sempre a evolução é para solidariedade, pois a força também faz parte da estrutura social moderna.

Estabeleceram-se, a partir dos pressupostos apresentados, alguns níveis hierárquicos nas relações pessoais estabelecidas que podem ser sumarizadas na tabela a seguir:

<i>Tipo de relação Entre informantes</i>	<i>Você</i>	<i>V.M.</i>	<i>Tu</i>	<i>Outras formas</i>	<i>Total</i>
<i>De superior para inferior (avô-neto, pai-filho)</i>	29 – 50%	-	28 -48%	1 - 2%	58
<i>De inferior para superior (dirigida ao rei, ao tio, aos pais, etc.)</i>	-	78 - 68%	-	36 – 32%	114
<i>Membros de um mesmo grupo social (entre amigos, primos, etc.)</i>	09 – 6%	32 -22%	46 - 32%	57 – 40%	144

Tabela III– Uso das formas pronominais e de tratamento nas relações hierárquicas emissor-destinatário

Os resultados apresentados na tabela III mostram um uso mais freqüente de formas nominais – *Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria* e também *Vossa Mercê* -- nas relações hierárquicas assimétricas de inferior para superior, evidenciando a manutenção de um caráter de distanciamento e cortesia nas formas nominais de tratamento.

Observa-se também o predomínio do emprego da forma vulgar *você* (50%), seguida pelo pronome *tu* (48%), marcando relações assimétricas de superior para inferior, o que confere a dessemantização da variante *você* em processo de gramaticalização. Essa coexistência de formas num mesmo domínio funcional (*tu~você*) vem exemplificar o princípio da estratificação (*layering*), mencionado na seção anterior.

Nas relações simétricas, entre membros de um mesmo grupo social, detectou-se uma ampla diversidade de estratégias, com produtividade significativa para as formas nominais de tratamento (40%) -- *Vossa Senhoria, Vossa Excelência* --, seguida por *Vossa mercê* (22%) e *tu* (32%). Nota-se que, apesar de a forma emergente *você* apresentar índices baixíssimos – 09 dados (6%), o fato de co-ocorrer como estratégia de tratamento, neste tipo de relação, ao lado de sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*, pode evidenciar um comportamento semelhante no *continuum* da gramaticalização, *persistindo*, nos termos de Hopper (1991), alguns traços do significado original na nova forma gramaticalizada. Como aponta o autor, nos processos de gramaticalização, detalhes da história lexical do item podem se refletir na forma gramaticalizada durante estágios intermediários.

Nestes resultados, com base em cartas pessoais escritas no Brasil nos séculos XVIII e XIX, a distribuição das formas de tratamento em função do tipo relação hierárquica estabelecida é mais nitidamente delineável se comparada com a distribuição observada nos resultados das peças teatrais (Silva & Barcia, 2002, Lopes & Duarte, no prelo). Para efeito de ilustração, podemos citar as cartas do século XVIII produzidas no Brasil pelo Marquês de Lavradio. Nessas cartas é notório que a escolha do Marquês por uma determinada forma de tratamento dependia das diferentes relações sociais estabelecidas com seus destinatários. Ao escrever para seu filho, por exemplo, utilizava a forma *você*,

mas quando se tratava de seu tio, a sua forma de tratamento preferida era *Vossa Excelência*, como mostram os exemplos a seguir:

(9) “Por diferente vezes depois que *V. Ex^a* partiu desta Capital, tenho procurado a honra do modo que me é possível de segurar a *V. Ex^a*, o meu profundo respeito e pedir-lhe a certeza de *V. Ex^a* se achar inteiramente convalescido dos incomodados da sua viagem, porém depois da primeira carta que recebi de *V. Ex^a* não tornou mais a ter a fortuna da repetição deste favor, o qual deseja que *V. Ex^a* sempre me permita a certeza de se achar inteiramente restituído a sua perfeita saúde.” (*Carta de Marquês do Lavradio ao Conde de Azambuja, seu tio, RJ, 1770*)

(10) “Permita-me *you* agora o grandíssimo gosto de servi-lo. Aceite a minha bênção, e a Deus fico pedindo lhe dê sempre as maiores felicidades. Deus guarde a *you* muitos anos como muito desejo e hei mister ” (*Carta de Marquês do Lavradio ao seu filho Conde de Vila Verde, RJ, 1775*)

5.3 Alguns aspectos estruturais e os indícios da inserção de *you* no sistema pronominal

Levando-se em conta o fato de que o português do Brasil dos séculos focalizados tem o comportamento de língua de sujeito nulo no que se refere à realização (nula ou plena) das formas comportamento de pronominais (cf. Duarte 1993 e Lopes & Duarte, no prelo), seria natural esperar um comportamento diferenciado desses em relação às formas nominais de tratamento. Veja-se a distribuição das ocorrências quanto à realização (nula *vs* plena) e à ordem:

Período	Nulo	Expresso (SV)	Expresso (VS)	Total
Séc. XVIII	27 (28%)	51 (53%)	18 (19%)	96 (100%)
Séc. XIX	147 (68%)	52 (24%)	18 (8%)	217 (100%)
Total	174 (55,5%)	103 (33%)	36 (11,5%)	313 (100%)

Tabela IV. Sujeitos de 2^a. pessoa – forma de expressão e ordem

Como mostra a tabela, no século XVIII o índice de sujeitos expressos (antepostos e pospostos ao verbo) supera amplamente o de sujeitos nulos, que alcançam apenas 28%. Esse quadro se inverte no século XIX, quando o percentual de nulos atinge 68%. A que atribuir tal inversão de valores percentuais? O exame das formas de segunda pessoa utilizadas pode nos ajudar na resposta a essa questão. Veja-se a tabela V a seguir:

Período	Nulo		Expresso (SV)		Expresso (VS)		Total	
	FNom.	Pron.	FNom.	Pron.	FNom.	Pron.	FNom.	Pron.
Séc. XVIII	23	4	43	8	13	5	79	17
Séc. XIX	69	78	39	13	17	1	125	92
Total	92	82	82	21	30	6	204	109

Tabela V: Sujeitos de 2^a. pessoa: formas nominais e pronominais *vs.* expressão e ordem.

O número de ocorrências de formas nominais no século XVIII é superior ao de formas pronominais. São 79 (82%) contra 17 (18%) formas pronominais. Dessas formas pronominais, todas são representadas por *you*. Note-se que apenas 4 (23,5%) são nulas e 13 (76,5%) são expressas (antepostas e pospostas ao verbo). Esse comportamento da forma *you*, predominantemente expressa, tal como uma forma nominal, é evidência de que ela ainda não se encontra plenamente inserida no quadro pronominal. As formas *you* e *Vossa Mercê* não são ainda completamente *divergentes*, pois propriedades nominais *persistem* na forma vulgar *you*.

No século XIX, por outro lado, as formas nominais são 125 (58%) e as pronominais 92 (42%). Dessas formas pronominais, 78 ocorrências (ou 85%) são nulas. No entanto, o pronome mais utilizado é *tu*, e seu comportamento é o esperado numa língua de sujeito nulo, como é o caso do

português brasileiro do século XIX. As ocorrências de *você* ainda são preferencialmente expressas, ou seja, ainda revelam traços de forma nominal.

Há, entretanto, um interessante aspecto relativo à ordem que pode ser levado em conta no processo de gramaticalização de *você*. Enquanto no século XVIII, essa forma aparece nos contextos de VS, juntamente com as formas nominais, no século XIX não há uma só ocorrência de *você* em VS ou AUX SV. São todas pré-verbais. Tais resultados anunciam que a forma *você*, em vias de se pronominalizar, apresenta um comportamento diferente se comparado com sua contraparte desenvolvida, pois começa a ter uma mobilidade estrutural mais restrita em termos de sua posição com relação ao verbo. Croft (1993) rotula esse tipo de comportamento de *rigidificação* da ordem da palavra e Lehmann (1982) o cunhou de *fixação*, argumentando que há gramaticalização ‘forte’ quando um item que se podia mover livremente nas estruturas passa a ocupar lugares gramaticais fixos. Em síntese, tem-se a fixação da posição sintática de um elemento que era formalmente livre (Croft 1993). Para Hopper (1991) teríamos evidências do princípio da *especialização* que está associada à limitação das opções. Postula-se que, em processos de gramaticalização, ocorre um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas, no caso *você*, se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória.

A propósito das ocorrências de sujeitos pós-verbais, pode-se dizer que as cartas deixam clara a presença de vestígios da restrição V2, que, segundo Kato e Duarte (1998), entre outros, permanece nas interrogativas *qu-* até a primeira metade do século XX. Examinemos as 36 ocorrências na amostra analisada (V S e Aux S V):

Ordem	S V		V S (X)		Aux V S	
	FNom.	Pron.	FNom.	Pron.	FNom.	Pron.
Séc. XVIII	43	8	8	4	5	1
Séc. XIX	39	13	9	1	8	-
Total	82	21	17	5	13	1

Tabela VI. Sujeitos expressos e ordem

A distribuição das 36 ocorrências confirma o predomínio de VS e Aux V S com formas nominais, tendo ocorrido apenas 5 estruturas com pronomes no século XVIII e apenas uma no século XIX. Vejam-se alguns exemplos abaixo:

(11) A vista do que **ponderou** *Vossa Mercê* no officio, que hontem dirigiu-me a acompanhando o do Provedor da Santa Casa | de Misericórdia... (...) (*Carta da Santa Casa de Misericórdia, Palacio do Governo da Bahia, 25/09/1862-BA*)

(12) ... declaro-lhe que **pode** *Vossa Mercê* **dar**-lhe permissão para deixar o Hospital, no caso de o querer... (*Carta da Santa Casa de Misericórdia, Palacio do Governo da Bahia, 27/01/ 1862-BA*)

(13) ... **devendo** *você* **persuadir**-se da grandíssima vontade com que sempre lhe desejo dar gosto... (*Carta do Marquês do Lavradio ao seu filho, Conde de Vila Verde, 20/02/1770-RJ*)

Outras evidências da *deategorização* (Hopper, 1991) -- perda ou neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem -- no caso de *Vossa Mercê*, um nome -- e na assunção dos atributos da categoria-destino -- pronome de 2ª pessoa -- ainda podem ser apontadas.

Como se observou a partir da análise de alguns resultados estruturais, a gramaticalização de *VM* > *você* não levou à perda completa e imediata dos traços nominais originais e muito menos à adoção definitiva das propriedades pronominais. Criaram-se algumas incompatibilidades entre propriedades formais e semântico-discursivas. Com a inserção de *você* no quadro pronominal do português, percebe-se a *persistência* da especificação original de 3ª pessoa, ou [φeu] nos termos de Lopes (1999, 2003a), embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa [-EU]. Em uma frase como *Você_i disse que eu te_i encontraria aqui para pegar o seu_iteu_j livro* a interpretação semântica é inegavelmente de 2ª pessoa [-EU], mesmo que o pronome *você* esteja correlacionado a formas de 2ª [-

eu] ou de 3ª [ϕeu] pessoas. Apesar de ainda ser condenada pelo ensino tradicional, a combinação de *você* com formas de 2ª pessoa já era comum no início do seu processo de gramaticalização. Se os homens e mulheres do século XIX refletem tão bem isso em suas cartas quando escrevem “Recebi ontem a *sua* cartinha que muito me alegrou ver a *tua* letra e vejo que *estás* muito adiantado” e logo depois “... lembrei de quanto *você* gostava de ver desembarcar os animais”, imaginem o que não saía de suas bocas! Na análise da amostra, já identificamos, em duas cartas do Paraná escritas em 1888 e outras duas escritas no Rio de Janeiro, também em fins do século XIX (1880-1881), indícios da “mistura de tratamento” ainda repudiada, no século XX, pelos manuais escolares. Verificou-se a possibilidade de co-referência ou combinação de *você* com formas pronominais de 2ª pessoa (*te/teu*), exemplificada a seguir (14-16), ou ainda a variação entre formas verbais na 2ª pessoa e o imperativo de 3ª pessoa numa mesma carta em (17):

(14) *Dizes* que *tens* muita saudade de *teu* papai que morreu e de todos nos de ca nos também temos muitas saudades delle de *ti*, de *teu* irmão, de *tua* mamea, de Thia Paulina e Thio Julio; bem desejo que venhão todos e estou fazendo uma casa em Botafogo, onde caberemos todos melhor do que na rua do Conde. Bebê me diz que *voce* come bem e *esta* engordando muito; e como ninguem de la me diz - Tichet fes tolices - estou acreditando que *és* um menino de juiso” (*Carta de Christiano Ottoni ao neto Misael, carta 2, Fevereiro de 1880-RJ*)

(15) *Has* de notar que a cartinha que eu escrevo a Christiano é mais comprida do que esta: a razão é que elle escreveu, e eu tive de fallar da carta delle. Mas não deixo de escrever *te* também, não so porque quero bem a ambos, mas para que *voce* também va adquirindo gosto por estas comunicações, que servem de exercício para vir a escrever bem. (*Carta de Christiano Ottoni ao neto Misael, carta 3, 18/12/1881-RJ*)

(16) “*Voce* e Juvelina recebem lembranças de todos e um apertado abraço d’esta *tua* irmã que muito *te* estima”. (*Carta de Julieta F. L. Ascencao à sua irmã Josephina, Curitiba, 26/08/1888-PR*)

(17) Com praser li *tua* estimada carta de 12 Setembro ultimo, e por ela comprehendí que *frues* vigorosa saude 31, bem assim *tua* família. (...) A leitura que *fiseste* dos jornaes da terra, e o que a “Gasetta” verberou sobre a policia é a expressão da verdade. (...) *Recommende*-nos a *sua* mulher e filhas. Quando *vier* me traga um bom sobre tudo: *receba* um saudoso abraço do *teu* velho amigo (*Carta 12 de Francisco de Paula França ao amigo José, Curitiba 02/11/1888-PR*)

Nas cartas de Bárbara Ottoni aos netos⁹ (Rio de Janeiro – finais do século XIX) a combinação de formas pronominais de segunda com formas de terceira pessoas ocorre de maneira sistemática, principalmente, nos fechamentos de suas cartas. Tais resultados referendam a hipótese de que a integração da forma *você* no quadro de pronomes pessoais ocasionou a reestruturação do sistema pronominal em termos das variadas possibilidades combinatórias ou de correspondência que *você* passou a assumir, seja em relação aos pronomes possessivos *você – teu~seu*, seja no rearranjo causado também nos pronomes oblíquos (dativos ou acusativos) ((de) *você – te ~ lhe ~ o/a*):

(18) Meo Querido Neto Mizael. Recebi a sua cartinha, que me-deo muito prazer, ver que *voce* se-tem adiantado muito. Fiquei muito contente quando sua Mae me-disse que em principio de Maio estarão cá, pois estou com muitas saudades de *voces* todos. Vóvó *te*-manda muitas lembranças.a menina de Zulmira está muito engraçadinha ja tem 2

⁹ Algumas cartas de Cristiano Ottoni e Bárbara Ottoni foram incluídas na amostra compartilhada do Rio de Janeiro, embora estejamos preparando uma edição fac-similada dessa documentação.

dentinhos. Com muitas saudades *te* abraça *Sua* Dindinha e Amiga. (*Carta de Bárbara ao neto Misael, carta 28, 1883- RJ*)

(19) Com muitas saudades *te* abraça *Sua* Dindinha do Coração. (*Carta de Bárbara ao neto Misael, carta 30, 26/01/1885-RJ*)

(20) *Da* muitas lembranças a tio Lulu e a Christiano. Luiza manda lembranças para *voces* e dis que não respondeo a carta de Christiano por-que ella não sabe mais escrever. Com muitas saudades *te*-abraça *Sua* Dindinha e Amiga. (*Carta de Bárbara ao neto Misael, carta 31, 05/05/1887-RJ*)

6. Considerações finais

Embora não possamos estabelecer ainda generalizações descritivas em função da heterogeneidade da amostra, foi-nos possível, em síntese, levantar os seguintes aspectos que confirmam as conclusões obtidas em trabalhos com outros *corpora*:

- a) Nas relações simétricas [+ íntimas] (entre amigos e primos), predominou, nas cartas brasileiras setecentistas e oitocentistas, o mútuo *tu* (*T/T*) com 72%, ao passo que nas cartas em que, apesar da simetria, as relações eram [- íntimas], identifica-se uma frequência maior para das formas nominais de tratamento, principalmente, *Vossa Mercê* com 61% e outras estratégias nominais (*Vossa Senhora, Vossa Excelência*) com 39%.
- b) Como se observou nas peças teatrais, com o gradativo desbotamento semântico sofrido por *Vossa Mercê*, a forma vulgar *você* tornou-se mais produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, principalmente nas cartas pessoais, ao passo que *V.M.*, ainda em uso nos séculos XVIII-XIX, conservou-se como forma mais produtiva nas relações assimétricas de natureza oposta: de inferior para superior.
- c) Certas restrições sintáticas como a *rigidificação* da ordem *SV*, a mistura de tratamento nas cartas pessoais e a presença de co-referentes de segunda pessoa dão indícios de que a gramaticalização de *Vossa Mercê* para *você* começa timidamente no século XVIII e se implementa de forma mais acelerada no final do século XIX, principalmente, em substituição ao pronome *vós*.

7. Referências bibliográficas:

- AMARAL, Luís I. C. (2003) *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Tese de doutorado, UFRS.
- AVELAR, Juanito O. (2003) Estruturas com o verbo *ter*, preenchimento de sujeito e movimento em forma lógica. Comunicação apresentada no III Congresso Internacional da ABRALIN. UFRJ.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves; CALLOU, Dinah Maria Isensee & LOPES, Célia Regina dos Santos (2000). *Corpora* diacrônicos do Projeto *Para uma História do Português Brasileiro - PHPB-RJ - séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro, www.lettras.ufrj.br/phpb-rj. Página do projeto (equipe Rio de Janeiro) na rede mundial de computadores.
- BROWN, Roger y GILMAN, Albert (1960). The pronouns of Power and Solidarity. In: Thomas Sebeok (eds), *Style in Language*. Cambridge: MIT Press
- CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris. (2^a. ed. 1982)
- CINTRA, L. F. (1972) *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte.
- CROFT, William (1993) *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press.

- DUARTE, M. Eugênia L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A.(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.107-128.
- _____ (1995) *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, SP.
- _____ (1999) Sociolinguística Paramétrica: perspectivas. In: D. da Hora & E. Christiano (orgs.) *Estudos Linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa; Idéia Editora Ltda. 107-114.
- _____ (2003) A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da Conceição & DUARTE, M. Eugênia L. (orgs.) *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj. 115-128.
- FARACO, Carlos Alberto (1996). “O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica.” In: *Fragmenta 13*, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba, Editora da UFPR.
- HOPPER, Paul (1991): “On some principles of grammaticization”, in: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd. (eds.): *Approaches to grammaticalization*, Volume I, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company.
- KATO, Mary A. & DUARTE, M. Eugênia L. (1998) A diachronic analysis of wh-questions in BRazilian Portuguese. Comunicação apresentada ao NWA27. Athens, USA.
- LABOV, William (1994): *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Blackwell.
- LEHMANN, C. (1982) “Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change.” *Lingua e Stile*, XX, 3,:303-318.
- LEMOS MONTEIRO, José (1997) O sistema pronominal na região nordeste. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. 513-515.
- LICHTENBERK, F. (1991): “On the gradualness of grammaticalization”. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. (eds.): *Approaches to grammaticalization*, Vol. I., Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (1999). *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Letras/UFRJ.
- _____. (2001). “Processo evolutivo de “Vossa Mercê” > “Você” (português) e “Vuestra Merced” > “Usted” (espanhol)”. *II Congresso Internacional da ABRALIN-Associação Brasileira de Linguística*. Fortaleza, publicação on-line www.lettras.ufrj.br/abralin.
- _____ (2001b). *Documentos dos séculos XVIII e XIX: Cartas cariocas e peças portuguesas – Transcrição e fac-símile*. Rio de Janeiro, UFRJ/FUJB, versão em CD.
- _____ (2003a). *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri. Vervuert/Iberoamericana, vol. 18.
- _____ (2003a) *Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > usted: o percurso evolutivo ibérico*. *Linguística - publicação da ALFAL*, vol. 14, (a sair).
- _____ & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (2002a) “De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a pronominalização de nominais nos séculos XVIII e XIX” . In: *XVII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOL - Boletim Informativo 31 da ANPOLL - A pós-graduação em Letras e Linguística no Brasil: Memórias e Projeções*. Gramado: UFRS.
- _____ (2002b) Formas nominais e pronominais de tratamento em português: séculos XVIII e XIX. Comunicação apresentada no *XIII Congreso Internacional de la ALFAL*, San José, Costa Rica.
- _____ (no prelo) “De *Vossa Mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. In: BRANDÃO, Silvia & MOTTA, Maria Antonia (org.) *Análise de variedades do português: primeiros estudos*.

- MENON, Odete da S. P. (1997) O sistema pronominal na região sul. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. 510-512.
- _____. (1995) “O sistema pronominal do português”. *Revista Letras*, Curitiba, n° 44, p.91-106.
- _____ & Loregian-Penkall, Loremi (2002) Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.) *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat. 147-188.
- MOLLICA, M. Cecília de M. & Braga, M. Luiza (orgs.) (2003) *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.
- NARO, Anthony Julius. & BRAGA, Maria Luiza. (2000) A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, 9: 125-134. Niterói, 2º. sem.
- OLIVEIRA, Marilza de & RAMOS, Jânia (2002) O estatuto de *você* no preenchimento do sujeito. Comunicação apresentada no XIII Congresso Internacional de la ALFAL, San José, Costa Rica.
- OMENA, Nelize P. & BRAGA, Maria L. (1996). “A gente está se gramaticalizando?” In: MACEDO, A T., RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- PAGOTTO, Emílio (1998). Norma e condescendência - ciência e pureza. In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 2, 49-68.
- PAREDES SILVA, Vera L. (2000) A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. II Congresso Nacional da Abralín (CD-rom).
- _____ & SANTOS, Gilda Moreira dos & RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. (2000) “Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*, Niterói, n° 9, p.115-123.
- _____ (2003) O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.) *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 160-169.
- RAMOS, Jânia (1997) O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da. (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia? UFPB.43-60.
- RUMEU, Marcia Cristina de Britto (2001). *Reflexões acerca da pronominalização de Vossa Mercê na língua portuguesa*. Monografia apresentada no curso História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Letras Vernáculas/Faculdade de Letras da UFRJ, mimeo.
- SCHERRE, M. Marta .P. *et alii*. “Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil.” II Congresso Internacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, p. 1333-1347.
- SILVA, Andreza & BARCIA, Lucia Rosado (2002) " Formas nominais e pronominais de tratamento nos séculos XVIII e XIX". Trabalho apresentado na XXIII Jornada de Iniciação Científica e XIII Jornada de Iniciação Artística e Cultural. Rio de Janeiro.
- _____. (2002). O tratamento no teatro popular no Brasil e em Portugal dos séculos XVIII e XIX. Comunicação apresentada no L Encontro do GEL, São Paulo: USP.
- _____ (2002a) “Vossa mercê, você, vós ou tu? A flutuação de formas em cartas cariocas dos séculos XVIII e XIX”. *Ao Pé da Letra*, Recife, 4(1) 21-30.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira (1996) “Estertores da forma *seu* na língua oral” . In: Silva, G.M de O. & Scherre, M. M. P. (Org.) (1996) *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/Deptº. de Lingüística e Filologia-UFRJ.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin, (1968): “Empirical foundations for a theory of language change”, in: LEHMANN, W & MALKIEL, Y., (eds.): *Directions for Historical Linguistics*, Austin: University of Texas Press, 95-188.